

ESTRUTURA E MOVIMENTO NA "ODE MARÍTIMA" DE ÁLVARO DE CAMPOS

**José I. Suárez
Benedicto Cuesta**

A "Ode Marítima", poema composto por Fernando Pessoa sob o heterônimo de Álvaro de Campos, resulta num exemplo monumental do movimento Futurista em Portugal. Nos seus novecentos e dois versos livres, encontramos uma concepção não aristotélica da arte, quer dizer, uma estética não baseada na idéia de beleza, mas na idéia de força. Assim, ao contrário do filósofo grego que exigia "que o indivíduo generalizasse ou harmonizasse a sua sensibilidade, necessariamente particular e pessoal, nesta teoria o percurso indicado é inverso: é o geral que deve ser particularizado, o humano que se deve pessoalizar, o exterior que se deve tornar interior."¹

Neste estudo, a nossa intenção é prosificar e sintetizar o poema, empregando o nosso próprio método de divisão, o qual funda-se na aparição de um "volante interior" que opera como eixo estruturador dentro da criação poética. As onze partes resultantes facilitam a compreensão da breve análise aqui incluída acerca dos recursos técnicos e das qualidades estéticas que caracterizam esta vergôntea pessoana. Eis tal descrição e ordenamento.

Primeira parte: Desde o cais

Inicia-se o poema na solidão interior: "sozinho." Daí o poeta olha para o exterior: o cais, o mar, a figura precisa e clássica do paquete no horizonte. Com o navio que chega vem entrando a manhã. À distância, a visão do paquete cautiva o poeta e inicia na sua alma um misterioso primeiro movimento. É ao mesmo tempo agradável e dolorosa a sensação que sobe desde o fundo, que vai exprimir e transcender o sentido marítimo desta hora: "E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente."²

Vão entrando os navios, com os seus cargamentos de mistérios. A imaginação do poeta interna-se em todo o conteúdo simbólico do que os seus olhos estão a contemplar; pergunta-

se se não partiu já nesses navios, antes de si próprio, antes da hora do mundo que conhece, se não se afastou, fora do tempo e do espaço, longe da sua enorme cidade comercial. Afinal, não está aí o "Cais Absoluto," esse grande cais eterno e divino que é único mas que possui as mesmas características de qualquer outro cais?

O sentido do que os seus olhos estão a ver dilata-se, transforma-se para o mistério. A navegação representa essas fugas contínuas, a fascinação pelo diverso... a tremenda realidade da alma eterna dos navegadores e das navegações; o misterioso medo ancestral ao partir e ao chegar; a distância e a presença; o novo e o antigo; a fascinação por portos misteriosos, paisagens remotas, cabos longínquos, ilhas virgens. O poeta, desde todo esse mundo de navegação que os seus olhos contemplam, elevou-se ao nível dos problemas fundamentais do homem e a metafísica da sua existência.

Segunda parte: **Os navios**

Torna atrás a imaginação porque de novo os olhos do poeta fixaram-se no paquete que vem entrando ao cais na fresca manhã. A nítida presença do navio centra as forças imaginativas e emocionantes, e a impressão intensifica-se desde dentro, causando uma nova aceleração leve do "volante interior." A atenção concentra-se mais e mais no navio, e desde ele começa a se expandir para todos os navios em geral. Na imaginação, contemplam-se globalmente os navios, com toda a sua beleza, de perto e de longe, por dentro e por fora, e, subitamente, passa-se a toda a vida marítima. Ora tudo e um conjunto de elementos que formam uma maravilhosa "marinha:" oceanos, costas, ilhas, praias, a infinidade de belezas do mundo marítimo. O poeta, num rapto de forte lirismo, "queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!" (p. 274).

Terceira parte: **As coisas navais**

Nesta parte, dedica-se o poeta a olhar mais de perto o navio, enumerando, morosa e apaixonadamente, os seus componentes. Os nomes aqui tornam-se substância do poema e da emoção do poeta, exprimindo uma transsignificação. Aliás, no verbo poético juntam-se as partes dos navios e o ser vivo e autêntico do poeta, além da comparação e da metáfora. O interior de Álvaro de Campos funde-se com o naval, com o seu conteúdo de coisas, símbolos e imagens. Eis què, de repente, ao inesperado som de um apito, comove-se mais uma vez o

psiquismo do poeta e "acelera-se cada vez mais o volante..." (p. 274).

Quarta parte: A navegação antiga

A visão poética depura-se; no interior surge uma imagem lúcida e serena: o antigo barco de vela, de madeira e lona. O poeta descreve a sua atracção pela velha tradição náutica portuguesa, cheia de encanto e mistério. Esta nostalgia por aquela vida melhor é agitada desde dentro e resolve-se num poderoso interesse pelas coisas marítimas de antanho, agora e sempre. O nosso versista sente uma nova sacudida pela "aceleração do volante..." (p. 275).

Quinta parte: O chamamento das águas

A visão e a imaginação levantaram-se, voam com força. Em todo o âmbito espiritual ouve-se o grito clamoroso do mar, a estrepitosa chamada do lobo-do-mar inglês, Jim Barns:

Ah-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-yyyy . . . / Schooner

ah-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-yyyy . . .

(p. 276).³ É o grande chamamento das águas que anunciam tanto ao poeta quanto ao universo a vocação e destino que há de seguir-se. Esse grito extraordinário acelera muito mais o "volante interior," e o poeta, às vozes, responde ao apelo fatal:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar.
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez! (p. 276)

Sexta parte: Os homens do mar

Do volante vivo da sua imaginação, como o poeta mesmo diz, transborda-se como um vulcão toda a sua emoção e toda a sua atracção pela vida marítima. Irrompe num canto-gritaria em honra dos homens do mar. Chegamos às cimas emocionais e expressivas do poema. Num tom triunfal, reconta os marinheiros de todas as épocas, com os seus heroísmos e aventuras sangrentas — todas são gloriosas porque tudo neles é "marítimo." Álvaro de Campos saúda esses grandes homens da marinhagem.

De repente, começam os gritos que brotam do mais fundo do ser; o poeta grita aos quatro ventos que quer ir com eles

para onde forem, para todas as experiências por eles vividas. Aproveita o ensejo para fulminar condenações contra os valores cívicos, sociais e morais da nossa civilização moderna. Desdenha tudo e quer abandonar tudo para se lançar à vida dos mares. Todavia, não só é a sua resolução participar nesta vida, mas também entregar-se a ela, em sacrifício total, como vítima sangrenta, para aquilo que é marítimo. Deseja sofrer todos os martírios, ser esfolado, despedaçado, glorificado. Uma última imagem: a cruz do mar.

Sétima parte: **A canção do pirata**

Cresce ainda a força emocional neste trecho. Trata-se de uma desbocada exaltação à pirataria. Ora, o poeta concentra o seu selvagem entusiasmo marítimo na pessoa do pirata. Quer se entregar totalmente aos piratas, e ter a boa sorte de se transformar em prostituta para eles, para ser violada por todos, e depois rasgada e estripada. Há uma ânsia incontenível e irremediável de assimilação total. Quer ser um deus que possibilite o milagre da fusão total, um deus carniceiro e satânico.

Oitava parte: **O canto à vida do mar**

Mais uma vez fica ciente das terríveis ligaduras da vida e civilização modernas. Menciona, num tom condenatório, tantos costumes complexos, hábitos estúpidos, contrastando tudo com a vida livre da pirataria. Outra vez a glorificação dos piratas, a quem quer se entregar em corpo e alma, em rendição.

Com abundantes recursos lingüísticos e imaginativos, Alvaro de Campos faz o esforço supremo para exprimir a sua entrega total aos "bárbaros do antigo mar," a sua imolação "mística;" e agora, depois de consumada, já as palavras não são suficientes para dar vazão ao seu delírio. Tudo e grito, uivo, rugido do mar.

Nona parte: **O sonho**

Toda a força emocional e "física" derramou-se. Decresce sensivelmente a velocidade do volante. É preciso que o poeta regresse a si próprio, para o seu "eu" concreto, e nisto, sente que do fundo desse mar interior sai um grito antiquíssimo; é como um reclamo de sereia, um rumor que sai da alma desses abismos pessoais. Surge uma lembrança, uma evocação de uma aldeia pacífica. O seu interior é agora uma paisagem lunar, distante, que se contempla na saudade, e à que gostaria de

regressar. Agradáveis recordações da infância... e, voltando à experiência imaginativa, emocional, que sentiu há pouco, re-cremina-se: "Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?" (p. 287). Como brisa marítima fluem do passado as lembranças da vida infantil: a boa tia que, em menino, cantava rimances antigos para ele dormir. O encanto folclórico e daqueles dias é revivido nos velhos versos populares daquelas canções que neste momento se recordam. Mas tudo isto, infelizmente, fica no passado.

Insiste de novo, momentaneamente, como com as suas últimas pancadas, a obsessão pela pirataria, mas contra ela ergue-se uma nítida visão da absurdez, da irracionalidade desta satânica tentação. Um estremecimento sacode o poeta, e sente então, frente a si mesmo, o tremendo Mistério, o Transcendental, a Voz Absoluta que chama por ele.

Décima parte: **A vida real**

Mais uma vez o poeta reage, volve a si, abre os olhos e encontra-se com o mundo real. Experimenta a realidade imediata com física satisfação. É agradável o contacto com esta realidade. Deve se esquecer do pacote que deu início a tão espantosos sonhos; mais importa esta realidade que tocamos, o prático, as comodidades. Com este reingresso na realidade, o nosso versista se apercebe que o "volante interior" vai abrandando gradualmente. É preferível (e muito mais cômoda) a vida marítima moderna, com todas as suas conveniências. Nunca se poderiam comparar os arriscados e difíceis modos de navegação do passado com as vantagens dos navios da atualidade. Além disso, vivemos todos numa muito respeitável civilidade, nesta confortável burguesia de sentimentos humanitários, com sentido da ordem, normas sociais, leis protectoras, e até com as conveniências que nos proporcionam as máquinas que, deve se admitir, têm a sua poesia.⁴ Estas são maravilhas das quais podemos gozar nesta vida moderna. A grande ironia do poeta é quase imperceptível pela sua habilidade e sutileza.⁵

Undécima parte: **A mesma tristeza**

A atenção do poeta volve a ser chamada desde o horizonte. Desta vez é um navio inglês. Um cargueiro simples, com um ar simpático de proletário dos mares. Revela naturalidade, informalidade. Ilustra toda uma atitude perante a vida, à qual nunca devemos dar demasiada importância; pois, afinal de con-

tas, nem a vida nem o destino valem a pena. E o cargueiro inglês segue o seu rumo, sem mais, a levar consigo a febre e a tristeza dos sonhos do nosso versista. Com um ligeiro estremecimento, o "volante interior" se detém. Álvaro de Campos está no mesmo ponto do começo, com a sua olhada num navio, o qual ora vai se afastando, é apenas um ponto no horizonte, sumiu. Volta a solidão em que se encontrava: "Nada depois, é só eu e a minha tristeza" (p. 293).

Na obra poética de Álvaro de Campos, apenas umas poucas composições estão construídas em forma externa convencional. A maior parte da sua poesia acha-se composta em verso livre, sem rima, sem determinado número de sílabas, sem regularidade nos acentos. Assim foi escrito este poema, o mais cumprido de toda a obra de Fernando Pessoa. Os versos livres variam entre os de trinta e sete sílabas e os de cinco. Isto não quer dizer que falta ritmo, ao contrário, o ritmo é característica destacadíssima da ode. Mas esse ritmo não tem nada a ver com o metro ou as outras qualidades externas da poesia tradicional. Na ode, o ritmo é livre, com liberdade que brota desde dentro, que vem com o pensamento, ao ser este, quando se exprime, governado pela emoção. Poder-se-ia dizer que, partindo das idéias, o pensamento produz a frase e a emoção produz nela o ritmo. Portanto, o ritmo é a qualidade do pensamento em frêmito emocional. Esse ritmo é a ordem que acompanha a exposição na distribuição da matéria. Campos é um grande pensador com uma desenvolvida consciência do ritmo. A "Ode Marítima" é, no mais elevado sentido, prosa "ritmada," isto é, poesia em ritmo livre.

O ordenamento rítmico do pensamento exprime-se na linguagem, e ambas coisas constituem uma só: a expressão poética. A ode inteira é um amplíssimo compasso rítmico (ársis e tese); aliás estão os amplos períodos verbais em sucessão rítmica, que correspondem às onze divisões assinaladas. Não esqueçamos também os impulsos do "volante interior." Estas unidades rítmicas entrelaçam-se e distinguem-se pelo seu carácter próprio. Dentro destes períodos há outras frases rítmicas cujos limites o poeta (ou o editor) indicou no texto com dois espaços. Depois cada verso, com a sua própria individualidade rítmica, em relação ao seu "meio", e logo cada frase; tudo, afinal, a obedecer a leis internas. O resultado é uma assombrosa qualidade rítmica que nada tem a ver com posições habituais de acentos, nem com metros ou rimas; um fluir rítmico e regular, livre, mas ordenadíssimo. Esse ritmo exprime-se na linguagem e assim possui vida e movimento poético, sendo por

consequente poesia. Podemos captar tudo isto, de uma maneira geral, no fragmento exemplar a seguir:

Ó clamoroso chamamento
 A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim
 Numa unidade explosiva tôdas as minhas ânsias,
 Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!...
 Apelo lançado ao meu sangue
 Dum amor passado, não sei onde, que volve
 E ainda tem força para me atrair e puxar
 Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida
 Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica
 Da gente real com que vivo! (p. 276)

Há no poema um forte colorido que se deve à viveza das descrições e, também, a essa intensa força psíquica; mas, quanto à linguagem, a ode não contém muitos adjetivos de cor, salvo o "vermelho". É esta a cor do poema. Apenas encontram-se cinco diferentes adjetivos de cor nos quase mil versos: o "preto" ou "negro" cinco vezes (uma vez como advérbio, "negramente"); o "amarelo" ou "ouro" três vezes; o "branco", o "azul" e o "rosado" uma vez respectivamente. O vermelho caracteriza os momentos mais violentos e vem associado com o sangue. Citamos as vezes que aparece na ode, em breve contexto:

Sangue! sangue! sangue!
 Parte-se-me o mundo em vermelho! (p. 280)

Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser
 em vermelho,... (p. 281)

O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!

 Pilho, mato, esfacelo, rasgo! (p. 281)

E através dos vossos espasmos silvaria um **sabbat** de
 vermelho e amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o
 sangue correndo! (p. 282)

Parte-se em mim qualquer coisa.
 O vermelho anoiteceu. (p. 285)

O tema é "o marítimo", tal como está exprimido no título do poema. De fato, o conteúdo não poder-se-ia encerrar em palavras mais adequadas que "Ode Marítima". Porém, seria

necessário aquilatar neste caso o sentido destas palavras. Fernando Pessoa tocou numerosas vezes, sob os nomes dos seus heterônimos e o dele mesmo, o tema do mar; às vezes tangencialmente, às vezes como tema central.⁶ Não obstante, em nenhum caso como na extraordinária "Ode Marítima". Nela, além de se incluir o que do mar é tipicamente poético, ressaltam-se com muita força os seus aspectos violentos e perigosos. A ode é sobretudo uma "marinha" de paixão, sangue, pirataria e selvajaria.

As divisões estabelecidas neste estudo não são arbitrárias. Embora não haja uma separação saliente entre uma parte e outra, naturalmente, já que elas se entrelaçam no conjunto, claro é que essa distribuição é perfeitamente discernível⁷. Os diferentes títulos com que encabeçamos as várias partes sintetizam com certa fidelidade a idéia principal de cada passagem; porém, hemos de levar em conta que essas idéias enlaçam-se entre si, transformam-se e transcendem-se no fluir poético. A "Ode Marítima" é um poema tumultuoso, e todavia, ao estudá-lo cuidadosamente, descobrimos um grande rigor no seu formato estruturado. Há domínio de todo o conjunto com todos os detalhes; poder-se-ia dizer que há firme simetria, em tudo um controle absoluto. As onze partes vão entre si perfeitamente ligadas. Além do aspecto temático, que distingue às partes ou passagens, como ficou explicado, e em estreita relação com esse aspecto, a principal característica divisória é o famoso "volante interior", que, acima do seu caráter separador, dá movimento e unidade ao conjunto inteiro. Haveria que frisar também que essa mudança de velocidade do mencionado "volante" acontece em todas as partes assinaladas, a não ser na sétima e na oitava, que, com a nona, onde esse movimento atinge uma velocidade vertiginosa, formam a cima e centro, tanto espacial como intencional e temático, do poema. Neste cume se mantêm a mais alta força emocional e o mais desmesurado movimento, até que se inicia o descenso na nona parte, chegando à quietude total na undécima parte.

Este recurso do "volante interior" é de sumo interesse. Parece um truque mecânico, mas um truque que não diminui a emoção no mínimo e que cumpre admiravelmente com o papel unificador e de movimento que já assinalamos. A idéia aparenta ser o resultado da influência Futurista, movimento que exigia uma poesia que enaltescesse as realidades industriais e as preocupações materiais da época⁸. Não sabemos com certeza se Pessoa tomou o termo e a imagem da maquinaria dos navios, mas ousamos alegar que o "volante" está empregando no poe-

ma como verdadeiro e consciente meio estruturador e, ao mesmo tempo, com uma "intenção" irônica devido àquilo de "maquinismo" que o vocábulo implica⁹.

Fundamentalmente, o poema tem uma estrutura circular. Tudo começa com a imagem de um navio (o paquete) como primeiro ponto do círculo, e termina com a imagem de um navio (o cargueiro inglês), o mesmo ponto. Este é, na nossa opinião, o nível mais externo desta estrutura circular. Depois temos o "volante", em si mesmo uma roda, e que é centro de movimento rotante e elemento primordial numa estrutura circular movível. No "volante" conjuga-se o movimento espacial e temporal. Mas há ainda outro nível estrutural circular: o interior, o da alma do poeta. Também aqui está o círculo. A primeira palavra do poema "sozinho", é o primeiro ponto da circunferência, e nele termina o poema: "Só eu e a minha tristeza,..." (p. 293). E em caso o leitor (ou ouvinte) mal tivesse reparado na composição orbicular da ode, Álvaro de Campos, além da sua mensagem metafísica, vale-se dos três últimos versos para por em relevo o seu desígnio estrutural: "E o giro lento do guindaste que, como um compasso que gira, / Traça um semicírculo de não sei que emoção / No silêncio comovido da minh'alma... (p. 293).

Por outro lado, "Ode Marítima" é na realidade um poema de movimento. Aparte do já mencionado "volante", domina em cada verso, quase, a idéia da "viagem", do ir e vir, navegar, correr mundo, fazer e viver muitas coisas. No poema são muito freqüentes os verbos que indicam movimento. Ademais há um mover-se do mar, de tormentas e de ondas, incesante, que está interpretado no mesmo som dos versos, tão irregulares e livres.

Em conclusão, apenas um poema como este poderia consagrar um poeta. Enorme fluidez e domínio verbal e estilístico, assombrosa energia imaginativa, vôo gigante, paixão transbordante... tudo dentro de um conjunto ordenadíssimo, perfeitamente controlado.

NOTAS

1 Fernando Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética* (Lisboa: Editorial Inqu-rito, 1946), p. 152.

2 Fernando Pessoa, *Obra Poética* (Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960), p. 270. De ora em diante o número de página das citações do poema aparecerá no texto.

3 Quanto às origens dos personagens ingleses e dos versos nessa língua dentro da ode, deve-se consultar o sucinto estudo de Francisco Cota Fagundes, "A influência de *Treasure Island* na 'Ode Marítima' de Fernando Pessoa," *Romance Notes*, 18 (1968), pp. 318-23.

4 Após uma curta divagação filosófica à maneira do seu mestre Caeiro, o nosso poeta é suprido por Pessoa ele mesmo. Em versos aparentemente autobiográficos, Pessoa (Campos) elogia o comércio porque, com os seus escritórios arremados, horas de trabalho e cartas em inglês, tem ao fim um destino marítimo: a navegação comercial. Como se sabe, Pessoa trabalhou como "correspondente estrangeiro" em várias firmas comerciais. Não se pretende sugerir com isto que este seja o único trecho autobiográfico no poema, mas, sem dúvida, o mais sobressalente.

5 João Gaspar Simões escreveu que Fernando Pessoa, quem na sua opinião nunca foi um espírito irônico, confundia a "ironia" com o "humor inglês" ao formular que "a essência da ironia consiste em não se poder descobrir o segundo sentido do texto por nenhuma palavra dele, deduzindo-se, porém, esse segundo sentido de o fato de ser impossível dever o texto dizer aquilo que diz." Veja-se *Fernando Pessoa: Escorço interpretativo da sua vida e obra* (Lisboa: Editorial Inquérito, n.d.), pp. 69-71. Não concordamos com esta observação do eminente crítico português porque, acima de Pessoa dar no certo com a sua definição, nenhuma palavra aqui revela o segundo sentido que o poeta quis implicar: o seu desdém pela vida comercial. É de lembrar que Pessoa era correspondente comercial mais por necessidade econômica do que por vocação e, naturalmente, desprezaria a profissão que tanto tempo arrebatava à sua inspiração poética. Dado que Pessoa está a substituir Alvaro de Campos nesta parte da ode, subentende-se a ironia do poeta. Veja-se anotação 4.

6 Em *Mensagem*, o único volume da sua obra poética que publicou em vida (1934), Fernando Pessoa insere, em grande medida, o marítimo como conteúdo poético; a segunda parte do livro, "Mar Português", trata do mar imperial de D. João Segundo, daquele mar das glórias e conquistas portuguesas, do mar de uma tradição histórica-cultural.

7 "... en la *Ode Marítima* hay una gradación sinfónica, distribuída en tiempos, perfectamente perceptible, que enlazan entre sí el tema fundamental de la composición." Joaquín de Entrambasaguas, *Fernando Pessoa y su creación poética* (Madrid: C. S. de I. C., 1955), p. 75.

8 Apesar dos diversos traços Futuristas discerníveis na ode — o verso livre, a exploração do interior da alma, o forte colorido, a sensação de movimento, o cântico do progresso técnico (as máquinas), etc. — a intenção de Pessoa (Campos) nunca foi seguir ao pé da letra os princípios estéticos deste movimento. Portanto, o "Sensacionismo" (Futurismo aportuguesado por Pessoa), cujo maior porta-voz era o Alvaro de Campos da segunda fase ("Ode Marítima") distingue-se e coincide com o Futurismo (Marinetti) em vários pontos. Para uma análise a fundo desta questão, consulte-se Georg Rudolf Lind, *Estudos sobre Fernando Pessoa* (Vila da Maia: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1981), pp. 163-204.

9 No *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, S. A., 1969), p. 1253, encontra-se a seguinte aceção da palavra "volante": "Pesada roda cuja inéfrica atua como força reguladora do movimento de um maquinismo."

Department of Romance Languages
Michigan State University
College of Santa Fé